



## UMA LEITURA DE GÊNERO DE *LOST GIRLS*, DE ALAN MOORE E MELINDA GEBBIE

A Gender by *Lost Girls*, Alan Moore and Melinda Gebbie

Suellen Cordovil da Silva

Gustavo Soldati Reis

**Resumo:** Alan Moore escreveu a Graphic Novel *Lost Girls*, publicada em 1991, com a artista e sua esposa Melinda Gebbie. Essa obra desenvolve a vida de três personagens da fantasia clássica dos séculos XIX e XX: Dorothy, de “O Mágico de Oz”, Alice, de “Alice no País das Maravilhas” e Wendy, de “Peter Pan”. As três se encontram em um Hotel art nouveau na Áustria em 1913. Durante esses encontros elas narram sobre as suas iniciações sexuais. A narrativa apresenta críticas políticas do século passado, a vida pessoal das personagens e as tensões sociais expressas através da arte, pintura, música e literatura. A proposta desse texto, delimitada no Livro Um de *Lost Girls*, é investigar essas construções narrativas e focar nas relações de poder e processos de subjetivação dos corpos femininos no que diz respeito às experiências de sexualidade, sob um viés dos estudos de Gênero, de acordo com J. Butler.

**Palavras-chave:** Moore (Melinda Gebbie). Graphic Novel /*Lost Girls*. Corpos (Empoderamento)

**Abstract:** Alan Moore wrote the Graphic Novel *Lost Girls*, published in 1991, with the artist and his wife Melinda Gebbie. This work continues the narrative of three classic fantasy characters from the nineteenth and twentieth centuries: Dorothy from “The Wizard of Oz”, Alice from “Alice in Wonderland” and Wendy from “Peter Pan”. They meet at an Art Nouveau Hotel in Austria in 1913. During these meetings they tell about their sexual initiations. The narrative features political critiques of the last century, the personal lives of the characters and the social tensions expressed through art, painting, music and literature. The purpose of this text, delimited in Book One of “*Lost Girls*”, is to investigate these three narrative constructions and focus on the power relations and

subjectivation processes of the female bodies regarding to experiences of sexuality, under a bias of Gender studies, according J. Butler.

**Keywords:** Moore (Melinda Gebbie). Graphic Novel (*Lost Girls*). Bodies (Empowerment)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os artistas criadores de *Lost Girls* são Alan Moore e Melinda Gebbie. Moradores de Northampton, na Inglaterra, Alan Moore é um roteirista, escritor, romancista, contista, músico e cartunista. Melinda Gebbie é norte-americana e desenhou a obra *Lost Girls*. Gebbie começou a trabalhar quadrinhos em 1973 na obra *underground* intitulada *Wimmen's Comix* que foi uma antologia publicada entre os anos de 1972 a 1992 dedicada, exclusivamente, para artistas mulheres e assuntos relacionados as causas feministas em torno de temas como a homossexualidade, política, sexo e autobiografia. Com isso, nota-se um cuidado por parte da artista em desenvolver trabalhos voltados para mulheres, em geral, em suas antologias. Em 1977 ela publica o seu primeiro livro intitulado *Fresca Zizis*. Em 1984 ela muda-se para a Inglaterra.

*Lost Girls* é um romance gráfico (*Graphic Novel*) erótico e retoma os percursos e percalços afetivos e sexuais de três importantes personagens femininas de ficção do fim do século XIX e início do século XX. As personagens são: Alice, da obra "Alice no País das Maravilhas" (de Lewis Carroll, 1832-1898), chamada na referida História em Quadrinhos de *Lady Fairchild*; Dorothy Gale, de "O Maravilhoso Mágico de Oz" (de Lyman Frank Baum, 1856-1919); e Wendy Durling-Darling, da série "Peter Pan" (de James Matthew Barrie, 1860 - 1937), nomeada na HQ por Srta. Potter. No romance, elas se reúnem em 1913 para descrever e compartilhar sobre algumas de suas experiências eróticas. A *Graphic Novel* é uma espécie de pastiche com a obra *Lost Boys*, que tem Peter Pan como uma de suas personagens centrais. O principal objetivo desse texto é dialogar com a obra *Lost Girls* em torno de alguns temas de gênero, tais como a representação de poder sobre os corpos femininos, apontadas no primeiro livro da Trilogia<sup>1</sup>. Desse modo, justifica-se a análise das personagens femininas Alice, Dorothy e Wendy e a compreensão de suas novas

<sup>1</sup> Aqui no Brasil a *Graphic Novel* foi publicada em três volumes. O primeiro, o "Livro Um", objeto de análise desse artigo, chama-se "Meninas Crescidas".

ressignificações em versões adultas a partir da compreensão de uma teoria da sujeição, tal como proposta pela filósofa estadunidense Judith Butler (2019). As três personagens femininas das obras mencionadas anteriormente são descritas em suas idades mais avançadas nas narrativas contadas por Moore e Gebbie.

Em seguida, aproximações preliminares entre Quadrinhos e Gênero para, no segundo item do texto, tratarmos da análise filosófica proposta sobre sujeição e empoderamento.

### **LOST GIRLS E EMPODERAMENTO: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO**

As Histórias em Quadrinho (HQ's) são importantes para representar uma diversidade cultural em diferentes gêneros e linguagens. Sônia Bibe-Luyten (1987) levanta uma questão relacionada às HQs, no que tange à circulação delas e o preconceito social voltado aos leitores dos quadrinhos e descreve que: "Em todas as áreas temos, portanto, a possibilidade de encontrar os quadrinhos. O que importa, porém, é de onde vêm essas histórias e quem as escreve, pois elas são excelentes veículos de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente" (BIBE-LUYTEN, 1987, p. 7). Leila Iannone (1994, p. 21), por sua vez, conceitua as histórias em quadrinhos como:

(...) uma história contada em quadros (vinhetas, ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto). Em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto

É possível constatar que os quadrinhos também ultrapassam a ideia de um simples produto comercial a fim de tornarem-se elementos importantes das sociedades contemporâneas. Mariana Arcuri (2013) ressalta que os leitores e leitoras contemporâneas estão confundindo algumas obras quadrinísticas em suas seções em livrarias, ou seja, os quadrinhos não são todos iguais. Cada história em quadrinhos carrega particularidades que precisam ser difundidas. Ela exemplifica com uma obra de Alan Moore, conforme pode ser visto abaixo:

A ignorância a respeito das particularidades do gênero engendra mal-entendidos que, infelizmente, podem vir a afastar o público. Certa vez, deparei-me na livraria, na seção infantil, com o título *Lost Girls*, escrito por Alan Moore e ilustrado por Melinda Gebbie, editado no Brasil pela Devir. O trabalho de Melinda remete a uma estética de “contos de fadas”, com traço, páginas, cores e desenhos harmoniosos, suaves. A capa, desenhada num estilo algo onírico, reforça a impressão de se tratar de um universo fantasioso, universo de princesas. O conteúdo, no entanto, traz meninas como Dorothy, de “O Mágico de Oz”, e Alice, de “Alice no País das Maravilhas”, já crescidas – as garotas perdidas do título – e donas de extensa lista de proezas sexuais. Indo na contramão do sugerido pela ilustração da capa, o teor é altamente erótico – e certamente não deveria estar incluído na área infantil. Quem vê capa não vê coração. Embora os quadrinhos experimentem hoje um avanço expressivo no gosto do grande público, ainda se confunde o gênero como um todo com a produção voltada especificamente para o público infanto-juvenil (ARCURI, 2013, p. 241-42)

Essa questão da temática de “contos de fadas” ainda é muito presente nas capas de livros infantis que, por sua vez, transmitem uma ideia inicial delicada para um tom argumentativo e elevado para os leitores e leitoras. De qualquer forma, cada leitor e leitora irá compreender de um modo diferente em sua leitura inicial e interpretativa até chegar em uma síntese do conteúdo. No caso de *Lost Girls*, Alan Moore dimensiona a ideia que o proibido se tornaria mais prejudicial para as crianças ao invés de explicar as noções e suas consequências do “obscuro” da sexualidade. De fato, é necessária uma orientação para o público em geral sobre as obras em HQ’s, a fim de evitar equívocos irreversíveis posteriormente.

A narrativa de *Lost Girls* é ambientada no início da Primeira Guerra Mundial e o livro foi censurado por um tempo, pois aborda diversos assuntos referentes a “pornografia pós-feminista, uma discussão intertextual sobre arte, música, guerra, cultura europeia, atitudes sociais e, predominantemente, sexo, durante a *Belle Époque*” (MILLIDGE, 2012, p. 185). As três personagens da narrativa seduzem umas às outras na narrativa em um Hotel na Áustria perto da região da Suíça, França e Alemanha. Essas personagens de histórias ficcionais de Carrol, Barrie e Bauman rememoram suas fases de conhecimento da sexualidade em suas adolescências. Moore afirma que: “Nós realmente queríamos ser fiéis aos livros originais. Então queríamos que aquelas garotas crescessem e desenvolvessem sua sexualidade, o que é algo normal” (*apud* MILLIDGE, 2012, p. 187). Cada personagem teve uma experiência de iniciação

sexual que elas comentam como superaram os seus limites anteriormente impostos em seus contextos opressores.

O conteúdo sexual dos livros apresenta uma diversidade de encontros de encontros polisssexuais, sexo com menores de idade, coerção e incestos. Assim, a narrativa apresenta uma diversidade de tabus que precisam ser discutidos/problematizados. Porém, aqui discutimos alguns exemplos de quadros narrativos do primeiro livro (Livro Um) que merecem ser estudados. Nesses exemplos abordamos a necessidade de compreender o estudo da transgressão dos tabus sociais e considerar o sexo “como uma força poderosa, em particular, como ferramenta de cura e catalisador para a arte e criatividade” (MILLIDGE, 2012, p. 188). Nesse caso, adotamos a interpretação do empoderamento em relação às mulheres protagonistas, além disso, valorizar a condição da autonomia dos corpos femininos diante de uma opressão moral e egocêntrica (notadamente machista) que cada uma vivenciou em seus circuitos de afetos.

O empoderamento não pode ser reduzido a uma questão individual. Em relação ao feminismo, enquanto tema de Gênero, o empoderamento (*empowerment*) diz respeito às mudanças sociais numa perspectiva anti-racista, anti-elitista e sexista através das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Alguns críticos como, por exemplo, Kathryn Woodward (2012), falam sobre a “liquidez” que caracteriza a sociedade contemporânea. Nesse sentido, argumenta-se que a sociedade é uma extensão da identidade em movimento. A palavra “líquido” é citada por Woodward (2012) como uma maneira de nomear o caráter fluido e a dificuldade de se entender as identidades de forma fixa e imutáveis nas comunidades de hoje. Em síntese, é possível afirmar, com Joice Berth que, mais do que a reação a estímulos externos, o empoderamento “(...) é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista” (2019, p. 25).

## **SOBRE AS AMBIVALÊNCIAS DO EMPODERAMENTO FEMININO EM *LOST GIRLS***

Para esse último item do texto propomos um breve diálogo com aspectos da teoria da sujeição proposta pela filósofa norte-americana Judith Butler (2019). Para esta autora a sujeição é empoderamento. E paradoxal. O poder, sem dúvida, é algo que nos pressiona de fora para dentro, que nos subordina, que nos submete e se objetiva em formas de dominação específicas. Por outro lado, o poder é a experiência que fazemos com nós e a partir de nós mesmos, ou seja, que nos configura como sujeitos, aquilo de que dependemos para existir: “A sujeição consiste nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação” (BUTLER, 2019, p. 10). Cada caso deve ser analisado sob essa dupla perspectiva: do poder que se impõe ao sujeito, subordinando-o, mas que assume a forma psíquica constitutiva da identidade e autonomia desse mesmo sujeito. Mas a questão/problema passa a ser como entender, analiticamente, esse percurso/transformação do poder que subordina para o poder que afirma a autonomia dos sujeitos em ação.

Conforme afirmado, os artistas que produziram *Lost Girls* realizam uma reinvenção ficcional de textos da literatura infanto-juvenil consagradas, ao eleger o duplo movimento de representação das personagens mulheres dessa literatura e a representação do eu lírico feminino sobre si mesmas ao recontar a vida dessas personagens, já adultas, sobre suas experiências afetivas e sexuais na fase de pré-adolescência. Ao fazerem uma releitura dos Contos infantis, fazem uma meta-narrativa de crítica a era vitoriana que fomentou Alice e, posteriormente, Peter Pan, bem como a moral sulista da religião civil norte-americana em o Mágico de Oz. De fato, é possível ler as relações afetivas, eróticas e sexuais entre as personagens a partir do paradoxo das relações de poder da sujeição dos corpos femininos representados.

Como utilizam personagens já existentes na literatura, Moore e Melinda reproduzem a imagem de mulheres brancas que se movimentam em certas classes de privilégios econômicos e sociais: afinal, elas se conhecem quando se hospedam em um luxuoso hotel na Suíça. Uma delas se apresenta casada (Wendy/Sra. Potter), diferentemente das outras duas. As críticas a *Lost Girls*



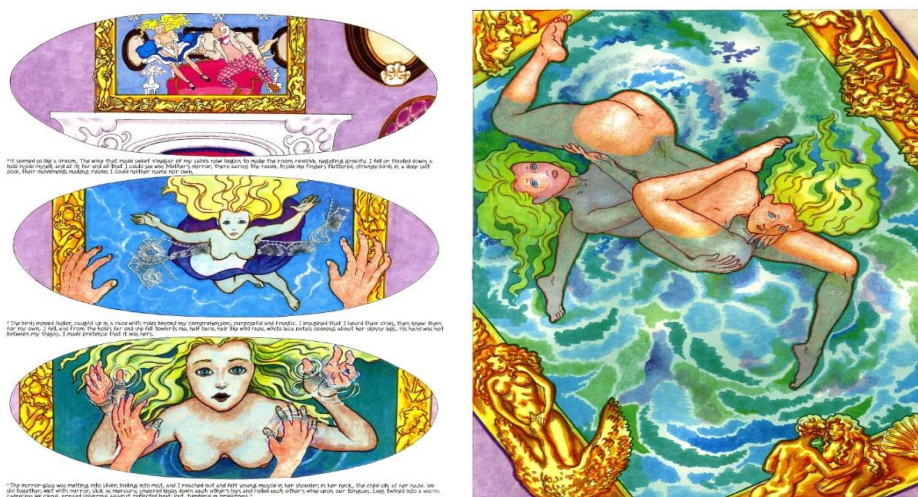
não são poucas. Não tanto em relação à estrutura e dinâmica artística de composição da HQ (relação roteiro e campos visuais, por exemplo) mas da recepção, por parte de setores da sociedade e até mesmo da crítica especializada, eivada de juízos morais que qualificam a obra como “pornografia infantil”.

É importante ressaltar, do ponto de vista artístico e das teorias de composição dos quadrinhos, uma intensa “solidariedade icônica” (GROENSTEEN, 2015, p. 27-8) entre os quadros desenhados por Gebbie, priorizando/homenageando certa *art nouveau*, em tons várias vezes aquarelados, com uma palheta de cores bem diversificada para traduzir certa dimensão memorialística, onírica e de fantasia imaginada pelas personagens, além dessa solidariedade compor-se com o texto escrito de Moore. Isso ocorre, por exemplo, quando Gebbie utiliza o recurso de representar imagens espelhadas para retratar, no roteiro de Moore, a leitura que Alice (*Lady Fairchild*) faz de si própria, de projeção de si mesma.

O Livro 1 de *Lost Girls* marca, de forma explícita, as memórias de iniciações sexuais das protagonistas e do envolvimento afetivo e novas descobertas entre elas já na vida adulta, em diferentes períodos de idade. Pode-se dizer que ambos os artistas tentam traduzir certas dimensões da corporalidade feminina como empoderamento diante de amplos setores da sociedade que padronizam certa estética corporal e comportamental imposta às mulheres por uma cultura patriarcal e machista. Os desenhos de Gebbie tendem a serem mais “sóbrios” e menos voluptuosos, além de retratar, por exemplo, a performance sexual altamente ativa de uma senhora (Alice), muito embora com certas contradições pois o corpo de *Lady Fairchild* parece ser enquadrado em um aspecto mais jovial. Moore e Melinda, eles próprios quiseram uma representação mais “realista” desses corpos e das performances sexuais das protagonistas e de valorização da diversidade em meio aos padrões sociais impostos que subordinam a muitos. A partir dessas considerações, segue um olhar mais específico à narrativa visual:

A. A mais experiente e com idade mais avançada é Alice, uma senhora que, num primeiro momento, parece ser aristocrática. Segura, afirmativa, parece não impor-se limites para a realização de seus desejos e

fantasias mas que revela, em suas memórias, ter sido iniciada sexualmente, no início da adolescência (contava com 14 anos), por um homem bem mais velho, amigo de seu pai. Esse homem embebeda Alice e abusa sexualmente dela. Contraditoriamente Moore e Melinda “suavizam” o cenário: “A sala, sob uma maré de vinho, afastava-se rapidamente de mim e, em seguida, voltava em torrentes de modo que levou algum tempo para eu entender que o ardor e o movimento ali entre minhas pernas era a mão dele” (Capítulo 9 – A Casa de Espelho). Como a ênfase é na narrativa memorialística de Alice, a experiência sexual passa da relação com o homem para a relação consigo mesma no jogo de espelhos já mencionado (Figura 1).



**Figura 1:** O duplo de Alice na memória de Lady Fairchild: do abuso sofrido (quadro à esquerda) à projeção da imagem de liberdade encontrada em si mesma (quadro à direita)

**Fonte:** MOORE, A. & GEBBIE, M. *Lost Girls*. Livro 1. São Paulo: Devir, 2007.

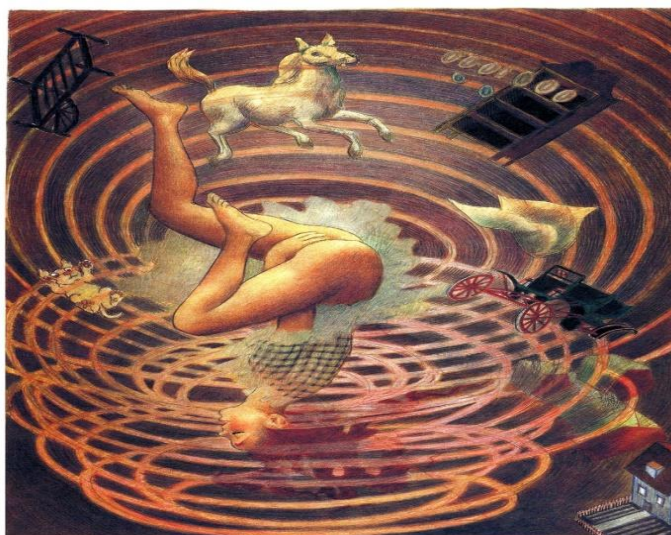
Não deixa de ser um problema essa inviabilização da sujeição e dominação de corpos femininos por parte de homens heterossexuais. Mas talvez seja a maneira de Moore e Melinda narrarem os efeitos psíquicos de traumas que marcaram a vida de Alice, considerada pela mesma sociedade que tolera a invasão e dominação de seu corpo, uma menina jovem “problemática”, “insubmissa”, “maluca” e “aventureira” pela própria família que, inclusive, chegou a interná-la em um sanatório (2007, Capítulo 8 – Venha Logo, venha logo!). Como a própria personagem afirma: “Existe a forma como as coisas pareciam e, então, a forma como foram com certeza... e uma,



frequentemente, é o inverso absoluto da outra" (2007, Capítulo 9 – A Casa do Espelho).

No sentido da sujeição dado por Butler, até que ponto a noção de poder representada em Alice depende de algo anterior a ela e, ao mesmo tempo, como efeito desejado por ela para a construção de suas ações futuras? Ela é dominada por uma invasão que reduz seu corpo infantil a instrumento de satisfação de desejos doentios de um homem adulto, ao mesmo tempo que ela passa a sujeitar seu corpo como afirmação de uma autonomia própria até para lidar com seus traumas.

B. Em relação às personagens Dorothy (Srta. Gale) e Wendy (Sra. Potter) existe a representação, na conjugação entre texto escrito e imagem desenhada, da descoberta, na adolescência, do corpo como o território não somente de traumas mas de prazeres e satisfações profundas do eu próprio. Dorothy lida com suas pulsões e desejos em paralelo com o medo, o receio: a descoberta de um território desconhecido a ser desbravado. Ao proteger-se, dentro de casa, de uma tempestade (um tornado) na zona rural no sul dos EUA, ela evoca seu corpo ao tocá-lo e estimular a si própria, a ponto de “acalmar” a tempestade fora de si ao mesmo tempo que desperta um “tornado” dentro de si (Figura 2). A sujeição a poderes exteriores, representados pelas intempéries da natureza, não cala a construção da subjetividade dela quando, de forma paradoxal, converte o medo e o receio em força de contato e conhecimento do próprio corpo como forma de encontrar, em seu auto-prazer, a segurança e liberdade, conforme a imagem expressa a seguir:



**Figura 2:** Representação visual do prazer em Dorothy: o paradoxo do medo, receio até a expressão avassaladora do desejo enquanto um “tornado” que a possui.

**Fonte:** MOORE, A. & GEBBIE, M. *Lost Girls*. Livro 1. São Paulo: Devir, 2007.

No caso da personagem Wendy, ela rememora sua iniciação sexual na relação com um adolescente, Peter, junto com seus irmãos. Wendy retrata a explosão de sentimentos, desejos e descobertas como um vôo, um sonho de liberdade (Figura 3). Claro que há diferenças na representação dessas protagonistas. Em suas vidas adultas, Moore e Gebbie as representam em certa antítese: Dorothy é mais juvenil, mais pró-ativa, solteira e dinâmica. Wendy, mais velha, é casada e, percebe-se, submissa ao marido mais velho.



**Figura 3:** O “vôo do prazer” de Wendy com Peter e seus irmãos.

**Fonte:** MOORE, A. & GEBBIE, M. *Lost Girls*. Livro 1. São Paulo: Devir, 2007.

C. Algumas perspectivas precisam ser consideradas na análise dessa *Graphic Novel*. Com exceção de Dorothy, a iniciação e o percurso sexual dessas mulheres/adolescentes têm como indutor a figura do masculino, de um homem, não obstante a HQ retratar os corpos empoderados por certa diversidade de performances sexuais, sejam hetero ou homoafetivas. Um dos pontos recorrentes na narrativa são as experiências de empoderamento de corpos afetivos e sexuais entre essas mulheres. É possível considerar que Moore e Gebbie critiquem, com isso, as sujeições dominadoras impostas por sociedades heteronormativas. Por outro lado, a narrativa quadrinística sugere

certa dependência desses mesmos padrões heteronormativos para a afirmação da condição própria do ser sujeito mulher. Para Butler, “Parece que entramos nesse dilema tropológico no momento em que buscamos descobrir como o poder produz seu sujeito, como o sujeito recebe o poder pelo qual é inaugurado” (2019, p. 12). Pensamos que a arte dos Quadrinhos, exemplificada na *Graphic Novel Lost Girls*, estimula-nos, criticamente, a refletir sobre esse dilema mencionado: corpos femininos dominados mas que, ao mesmo tempo, fazem dessa recepção um lugar inaugural de afirmação da autodeterminação dessas corporalidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto procurou mostrar, ainda em caráter introdutório, o lugar das Histórias em Quadrinhos como espaço artístico de produção de conhecimento. No caso, de conhecimento crítico, uma vez que HQ's, principalmente no gênero das *Graphic Novels*, por abordarem temas mais adultos e com maior refinamento no desenho e na narrativa, estão longe de serem um tipo menor de literatura infantil e de puro entretenimento. *Lost Girls* é um exemplo disso. A escrita de Moore em comunhão com o desenho de Gebbie formam uma narrativa visual sequencial muito significativa. Ao mesmo tempo que atualiza críticas políticas e sociais de sujeição dos corpos, notadamente femininos, a HQ leva o leitor e a leitora a repensar os mecanismos de representação da autonomia e afirmação da construção de sujeitos a partir dessas corporalidades. Os Quadrinhos são, segundo Daniele Barbieri (2017, p. 17ss.), uma linguagem. Como toda linguagem, habitamos nela, aproveitamos “suas possibilidades expressivas” e de seus limites (2017, p. 18).

Na conjunção entre imagens e texto escrito, na composição de estruturas narrativas, a *Graphic Novel Lost Girls*, que faz o diálogo com clássicos da literatura infanto-juvenil, conta vários paradoxos quando da representação dos processos de corporalidade do feminino. Esses processos empoderam mulheres, uma vez que são constitutivos de sua sujeitidade frente à sujeição que essas mesmas mulheres, ainda que com nuances, enfrentam. Moore e Gebbie recontam os dilemas e lutas por autonomia e liberdade frente o sempre risco de um “puritanismo vitoriano” revivido que teima

em subjugar os corpos femininos com práticas discursivas machistas e patriarcais. Como afirma Butler (2019, p. 20): “Como poder *exercido sobre* o sujeito, a sujeição, não obstante, é um poder *assumido pelo* sujeito, uma suposição que constitui o instrumento do vir a ser desse sujeito”. O que esse texto procurou refletir é, justamente, sobre esse paradoxo, ou melhor, como esse paradoxo, enquanto recurso teórico, ajuda na compreensão das ambiguidades do empoderamento feminino na arte dos quadrinhos.

## REFERÊNCIAS

- ARCURI, Mariana Conde M. Literatura em Quadrinhos Hoje. *Revista Soletras*, n. 26, p. 237-250, jul./dez. 2013.
- BARBIERI, Daniele. *As Linguagens dos Quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. Coleção “Feminismos Plurais”. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- BIBE-LUYTEN, Sônia. *O que é Histórias em Quadrinhos*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção “Primeiros Passos”, n. 144.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder*. Teorias da Sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GROENSTEEN, Thierry. *O Sistema dos Quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.
- IANNONE, Leila R. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- MILLIDGE, Gary S. *Alan Moore: O mago das histórias*. Tradução de Alexandre Callari. São Paulo: Mythos Editora, 2012.
- MOORE, Alan & GEBBIE, Melinda. *Lost Girls*. Livro 1 - Meninas Crescidas. São Paulo: Devir, 2007.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 7-72.